

A CONSTRUÇÃO RESULTATIVA E AS CIRCUNSTÂNCIAS DE MODO DA LSF: COMPATIBILIDADE TEÓRICA?¹

Wellington Vieira MENDES²

Resumo: Este trabalho objetiva identificar possíveis aproximações compartilhadas entre os estudiosos do funcionalismo sistêmico e da Gramática de Construção (GC), a partir das relações de significado em português brasileiro que comportem a ideia de que “X faz Y tornar-se Z”, denominada Construção Resultativa (CR). Para tanto, utiliza o pacote computacional WordSmith Tools e, de modo mais específico a aplicação Concord, de modo a localizar nos corpora D&G as ocorrências buscadas a partir do parâmetro (em + nome), responsável pela codificação da CR com esquema próprio das Circunstâncias de Modo do Sistema de Transitividade da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). À guisa de resultados, foi possível observar o emprego das Circunstâncias de Modo do Sistema de Transitividade realizando o objeto-mudado, ainda que na, na perspectiva da LSF, possa-se indicar o modo como o processo foi configurado, ainda que a referência efeito de “tornar-se” no participante-meta não esteja explícita na teoria hallidayana. Por isso, a análise empreendida nas amostras de língua em uso permite concluir que a realização sintático-semântica das resultativas é possível em português pelas Circunstâncias de Modo, o que demonstra as aproximações teórico-metodológicas compartilhadas na perspectiva da CG e da LSF.

Palavras-chave: Construção Resultativa; Circunstância de Modo; Gramática de Construção; LSF.

Abstract: This work aims to identify possible shared approaches between systemic functionalism and Construction Grammar (CG) scholars, from the relations of meaning in Brazilian Portuguese that carry the idea that "X makes Y become Z", denominated Resultative Construction (RC). To do so, it uses the computational package “WordSmith Tools” and, more specifically, the Concord application, in order to locate the occurrences searched from the parameter (in + name) in the corpora D & G, occurrences that are responsible for the coding of the RC with its own scheme of the Circumstances of Mode of the Systemic-Functional Linguistic (SFL) Transitivity System. As a result, it was possible to observe the use of the Circumstances Mode of the Transitivity System by performing the object-change, although in the perspective of the LSF, it is possible to indicate how the process was configured, even though the reference effect of "becoming" in the target participant is not explicit in hallidayan theory. Therefore, the analysis undertaken in the language samples in use allows us to conclude that the syntactic-semantic realization of the results is possible in Portuguese by the Circumstances of Mode, which demonstrates the theoretical-methodological approaches shared in the CG and LSF perspective..

Keywords: Resultative Construction; Circumstance of Mode; Construction Grammar; LSF.

¹ Este trabalho se constitui a primeira incursão que tenho feito nos dados do projeto de pesquisa (que traz o mesmo título), como parte das atividades de pós-doutoramento na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Logo, as conclusões aqui trazidas não são definitivas e podem/devem ainda ser ampliadas até a conclusão do estágio.

² Docente do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Assú. Doutor em Estudos da Linguagem pela UFRN. Assú, Brasil, e-mail: wvmendes@gmail.com

Introdução

Neste texto, proponho-me discutir o pareamento (forma e função) designado como Construção Resultativa (CR), a partir de leituras de Fillmore (1985), Goldberg (1995), Kay e Fillmore (1999), Goldberg e Jackendoff (2004). O pareamento forma-função, condição de realização/análise das construções, é objeto também apontado por Halliday (1985), em sua gramática sistêmico-funcional, em que o Sistema de Transitividade (e seus componentes) configura as realizações léxico-gramaticais a partir de contextos que mobilizam escolhas. A ancoragem das duas propostas no mesmo porto decorre da hipótese de que a CR se atualiza em português brasileiro pela realização de orações, cuja codificação é também descrita pela Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), com configuração léxico-gramatical reconhecida pelos papéis semânticos do Sistema de Transitividade (Processos, Participantes e Circunstâncias).

O interesse pela CR caracteriza-se como uma expansão de questões que surgiram na aplicabilidade dos resultados de minha investigação de mestrado intitulada *As circunstâncias e a construção de sentidos*, no ano de 2010. Naquela pesquisa, procurei analisar o Sistema de Transitividade em relação às Circunstâncias, a fim de compreender como esse sistema contribui para a construção da opinião em *blogs*. Analisei 75 postagens selecionadas em quatro *blogs* da Revista *Época e Veja*, de onde foi possível levantar 422 amostras de Circunstâncias variadas. Os resultados me permitiram concluir que as circunstâncias desempenham papel importante, e não apenas “acessório”, na composição de significados potencialmente argumentativos do *blog* (extensão, papel, causa, propósito, concessão, ângulo) e nos diferentes modos de situar, localizar e referenciar elementos dentro e fora do texto (localização, companhia, assunto, modo, acompanhamento), contribuindo para a construção da opinião nessas postagens e reforçando o papel que o Sistema de Transitividade tem na construção de sentido nesse tipo de produção.

A preocupação sequenciou projetos de pesquisa na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERJ), que coordenei nos anos seguintes, objetivando, de modo específico, compreender os usos relacionados à Transitividade nos textos acadêmicos, particularmente focado em Circunstâncias de ângulo (MENDES, 2011), bem como com foco dirigido aos processos do dizer, como foi o caso do estudo desenvolvido no Programa de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC (MENDES; PEREIRA, 2012) e, até mais recentemente, a análise de mecanismos de sequenciamento e articulação (MENDES; PEREIRA DE PAULA, 2013), também como orientação de PIBIC. Todas as pesquisas foram desenvolvidas com base no modelo teórico da LSF.

A relação entre essas atividades de pesquisa e o interesse pela CR, por sua vez, surgiu das discussões em torno da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2012) e da Gramática de Construção (GC), durante a disciplina Língua, Estrutura e Uso, no Programa de Pós-graduação em Linguística (PPgEL), em semestre 2013.1, bem como de minha participação em encontros formativos do Grupos Discurso & Gramática (D&G/UFRN).

Logo, neste trabalho, objeto de minha pesquisa de pós-doutoramento (ainda em andamento e, portanto, com dados não conclusivos), proponho-me a identificar possíveis aproximações compartilhadas entre os estudiosos do funcionalismo sistêmico e a GC. Longe de querer afirmar que as instanciações de CR somente existem a partir da realização de Circunstâncias, mais especificamente, daquelas classificadas como sendo de modo, as empreendidas até o momento visam à aproximação de paradigmas que têm no uso linguístico o seu lugar de partida e, nas diversas possibilidades de realização de significados, o seu ponto reconhecido de encontro. Além disso, estabeleço uma relação

entre a discussão dos conceitos da GC e do ST com os procedimentos comportados pela perspectiva teórico-metodológica que tenho chamado de sistêmico-complexa.

Com base nessas questões e motivações e, considerando a necessidade de ampliar os modelos teóricos vigentes por meio do estabelecimento de intersecções entre diferentes paradigmas analítico-descritivos de fenômenos da língua em uso, bem como atentando à necessidade de revisão/reorientação de natureza epistemológica, objetivo, neste texto, identificar relações de significado em português brasileiro que comportem a ideia de que “X faz Y tornar-se Z”, a fim de analisar correlações entre o modelo do Sistema de Transitividade da LSF e o arcabouço da GC.

Para dar conta dessa tarefa, utilizei o pacote computacional *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012) e, de modo mais específico a aplicação *Concord*, a fim de localizar nos *corpora* D&G (VOTRE; OLIVEIRA, 1996; FURTADO DA CUNHA, 1996) ocorrências que permitissem identificar realização sintático-semântica da CR em língua portuguesa pelas Circunstâncias de Modo, especificamente no que diz respeito ao resultado/meta. Tendo em conta a finalidade deste trabalho, bem como sua extensão, delimito os parâmetros de busca e seleção apenas nas amostras que sintaticamente são configuradas por Suj Obj Obj (SPrep/SAAdj), sendo a representação mais prototípica das CR.

O trabalho está dividido em quatro partes principais, além destas considerações. Inicialmente, apresento em conceitos breves o estudo da GC (e da CR especificamente) e da LSF, com foco nas Circunstâncias, especialmente aquelas que se realizam em processos que denotam mudança física perceptível no mundo. Logo em seguida, apresento o quadro da perspectiva sistêmico-complexa em estudos da linguagem, abordando a noção de sistema-de-interesse. Por último, trago as amostras de CR recenseadas³ nos *corpora* a partir do parâmetro de busca das realizações de forma (indicadas no parágrafo anterior), a fim de relacionar às Circunstâncias. A título de considerações finais, retomo os principais pontos do estudo e encaminho propostas de continuidade, especialmente porque a pesquisa ainda não foi concluída.

Sobre Construções e Circunstâncias

A GC compreende a língua como sendo resultante de uma articulação do conhecimento de mundo e das percepções de natureza sensório-motoras que nos possibilitam processar as informações linguísticas, enquanto representação desse mesmo mundo.

Conforme recupera Salomão (2002), a GC remonta aos trabalhos sobre redes polissêmicas, cujo estudo principal é desenvolvido por Lakoff (1987). Pouco depois, Kay e Fillmore (1999) apresentam interesse pelas fórmulas situacionais. Salomão destaca que o movimento mais articulado para o delineamento da GC é desenvolvido por Goldberg (1995), quando se ocupa da produtividade da construção bitransitiva.

A partir das proposições feitas em *A Construction Approach to Argument Structure* (GOLDBERG, 1995), apresento os conceitos aqui tomados para compreender a ocorrência de CR em português brasileiro. Assim, entendo a GC como associação das

³ O uso do termo recenseamento se deve ao fato de que essa conceituação difere de coleta de dados porque a esta precede o levantamento de dados. Levantamento não é também a melhor definição para o processo de identificação quantitativa de informações criteriosamente selecionadas no conjunto integrado dos dados. O emprego de recenseamento, portanto, dá conta de apontar para o processo de identificação dos dados com os quais o pesquisador deve trabalhar a partir de sua quantificação num *corpus*, por exemplo.

diversas dimensões da língua, ou conjunto de sistemas na concepção hallidayana, que se articulam para formar as expressões linguísticas.

Essa compreensão mais ampla das construções, derivada da proposta de Goldberg, vai pelo caminho do parâmetro forma-significado, independentemente do léxico que as construções instanciam, estabelecendo igualmente uma relação do plano mental do falante com o seu modelo físico real. Por isso, a proposta de Goldberg (1995) indica que as construções podem configurar sentidos independentemente das palavras que as compõem.

Para a autora, portanto, não é presença exclusiva do verbo que determina o significado pretendido em todas as orações. Assim, as construções podem especificar a maneira como os verbos combinam com outros elementos, indicando, por exemplo, o evento designado pela construção, e não determinando todo o significado, como aborda a perspectiva tradicional – que não alcança a noção de construção. Por exemplo, em (1) “*Pat baked Chris a cake*” (GOLDBERG, 1998, In TOMASSELO, 1998, p. 203) a autora sugere que o significado de “*bake*” está associado à noção adicional de que “alguém (com intenção de) causa a alguém receber algo”, que pode ser atribuído ao padrão de forma Suj V Obj¹ Obj².

Neste texto, interessa-me o modo como o evento “X causa Y tornar-se Z” é codificado, entendendo tal realização como resultado de ação que transforma o objeto. Assim, no exemplo, (2) “Remendei o vestido”, podemos compreender a mudança do objeto apenas como consequência da ação de remendar. O resultado, porém, seria dado num exemplo como (3) “Cortei o frango em cubo”.

A ação do sujeito-agente resulta em que o frango apresente mudança de estado em relação à condição imediatamente anterior, embora em (3) haja especificação do resultado (frango cortado em forma de cubo). Nos exemplos de Goldberg (1998), a construção é perfeitamente percebida porque, em língua inglesa, há sintagmas que dão conta de indicar o objeto resultado (4) “*She sneezed her nose red*” (cf. GOLDBERG, 1998, In TOMASSELO, 1998, p. 204). Em português, todavia, resultaria em agramaticalidade, já que a codificação “espirrar o nariz vermelho” não seria possível, mas sim “o nariz vermelho” como possível resultado de tanto espirrar.

Dessa forma, apresento, com adaptação de Goldberg (1995, p. 189), o esquema com a representação mais básica da CR:

Quadro 1 – Representação da CR

| | | | | |
|-----------------------|---------------|----------|----------|-----------------|
| Semântica | CAUSAR/TORNAR | < agente | paciente | resultado/meta> |
| Instância/significado | PRED | < | | > |
| Sintática | V | Suj | Obj | Obl SPrep |
| | CORTAR | Eu* | frango | em cubo |

Fonte: adaptado de Goldberg (1995, p. 189)

A intenção de Goldberg (1995; 1998) de demonstrar que o significado se realiza na construção e não apenas na moldura semântica do verbo ajusta-se ao que defendi (MENDES, 2010), ao afirmar que as Circunstâncias colaboram igualmente para os sentidos pretendidos em textos argumentativos, de postagens de *blogs*. Naquela ocasião, apresentei sequências textuais em que as Circunstâncias, associadas aos demais papéis do

Sistema de Transitividade, estabeleciam relações que somente seriam possíveis a partir de sua realização lexicogramatical.

A considerar as posições de Goldberg, os exemplos da CR em língua inglesa e o modo como a Resultativa se instancia em língua portuguesa, entendo ser apropriado indicar que o resultado/meta pode ser expresso por Circunstâncias que, associadas à instanciação verbal, apontam para o modo como o objeto foi mudado, resultado da ação-processo. A CR, a exemplo de outras construções na língua portuguesa, é passível de instancias variadas, com impacto direto sobre a representação cognitiva da linguagem (cf. BYBEE, 2016; GIVÓN, 2012).

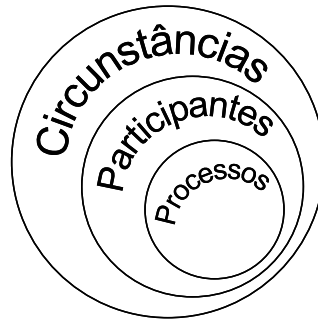
Para aproximar as perspectivas teóricas, a que estou fazendo referência, pelo viés da LSF, as escolhas realizadas na lexicogramática resultam das condições contextuais mais amplas (Cultura e Situação) em que se processa o significado, a interação e a composição textual, articuladamente e na simultaneidade complexa da representação pela linguagem, ou seja, pode ser entendida como uma manifestação semiótica, já que no dizer de Halliday e Martin (1993) ela se constitui como uma forma de representação da experiência humana quer seja na “realidade” presente/percebida no meio físico ou concreto, quer seja a “realidade” idealizada/fabricada em nossa mente, num plano mais abstrato.

Uma boa maneira de compreender a linguagem pela formulação da LSF é admitir uma que os significados se realizam a partir de uma concepção

metafuncional e estratificada, em que os sentidos interpessoais, ideacionais e textuais ocorrem simultaneamente para a construção dos significados no texto e em que, ao mesmo tempo, as escolhas em um estrato projetam construções no estrato seguinte. As escolhas no estrato grafofonológico são a realização das escolhas do estrato léxico-gramatical. Estas, por seu turno, estão realizando escolhas no estrato semântico-discursivo, sendo que tais escolhas ocorrem em contextos de cultura e de situações distintos. (VIAN JUNIOR; MENDES, 2015, p. 164)

Essa organização estratificada tem na oração a realização da transitividade, que é concebida como uma base de organização semântica, em que a classificação não se limita à oposição já apresentada e conhecida da gramática tradicional entre verbos transitivos e intransitivos. Nessa concepção, as orações são classificadas em tipos que denotam diferentes transitividades, a partir da identificação de três papéis de transitividade, a saber: i) processos; ii) participantes; iii) circunstâncias (BUTT et al., 2001), conforme representados na figura 1 – adaptada de Furtado da Cunha e Souza (2007, p. 54):

Figura 1 – Transitividade na LSF



Fonte: elaborada a partir de Furtado da Cunha e Souza (2007)

Os *processos* são classificados, nessa noção de transitividade, em seis tipos (materiais, mentais, relacionais, verbais, comportamentais e existenciais) e, de modo geral, configuram ações, estabelecem relações, expressam sentimentos, denotam o dizer e o ser, tendo em vista sua materialização através dos verbos. No entender de Furtado da Cunha e Souza (2007, p. 56):

O mundo das experiências é altamente indeterminado e essa indeterminação reflete-se no modo como a gramática constrói seu sistema de tipos de processos. Assim, em um mesmo texto podemos ver experiências construídas no domínio da emoção com um processo mental (...); ou no domínio da classificação (...).

O entendimento das autoras citadas permite vislumbrar a concepção defendida por Halliday e Matthiessen (2004) de que há um *continuum* entre os processos, que por sua vez, fundamenta-se no princípio da indeterminação semântica, no qual os processos são tidos como indistintos. Essa observação se faz importante porque, deste ponto em diante, será apresentada a classificação dos processos, a partir das concepções dos autores mencionados há pouco:

- I) *materiais* – processos responsáveis pela expressão de ações de mudanças perceptíveis (processos do *fazer*).
- II) *mentais* – processos ligados às crenças, aos valores humanos, ao modo de perceber o mundo (processos do *sentir*).
- III) *relacionais* – processos que estabelecem relações entre entidades, seja identificando, seja classificando.
- IV) *verbais* – processos que expressam o dizer e situam-se entre os relacionais e mentais.
- V) *existenciais* – processos que representam a existência de algo e se exprimem frequentemente através dos verbos haver e existir.
- VI) *comportamentais* – processos responsáveis pela expressão dos comportamentos humanos (caracteres físicos e psíquicos).

É importante ainda registrar que os três primeiros processos são tidos como principais, e os últimos como secundários, no entender de Halliday e Matthiessen (2004). Em breves linhas, pode se dizer que *participantes* são os elementos que se realizam através dos sintagmas nominais, podendo associar-se aos processos de forma obrigatória ou não.

O último componente do sistema de transitividade são as Circunstâncias. Esse componente remete às condições de realização dos processos, podendo ocorrer livremente em todos eles. Geralmente expressam extensão temporal, localização espacial ou temporal, modo, entre outros. Na Gramática Tradicional, correspondem aos advérbios ou locuções adverbiais. Para melhor compreender a classificação proposta por Eggins (1995), abaixo reproduzo o quadro de Furtado da Cunha & Souza (2007, p. 61):

Quadro 2 – Tipos de circunstâncias

| Tipo de circunstância | Significação | Exemplos |
|--|---|--|
| De extensão - Duração espacial - Distância temporal | Constroem desdobramentos do processo em espaço (a distância no espaço no qual o processo ocorre) e tempo (a duração no tempo durante a realização do processo) | Nadou 4 quilômetros . Caminhou por sete horas . |
| De causa | Constroi a razão pela qual o processo se atualiza | Não fui ao trabalho por causa da chuva . |
| De localização - Tempo - Lugar | Constroem a localização espacial e temporal na qual o processo se realiza | Pedro acordou às sete horas . Mauro caminha na praia . |
| De assunto | Relaciona-se aos processos verbais e é um equivalente circunstancial da verbiagem | Discutiam sobre política . |
| De modo | Constroi a maneira pela qual o processo é atualizado | Almoçamos tranquilamente . |
| De papel | Constroi a significação de <i>ser</i> ou <i>tornar-se</i> circunstancialmente | Vim aqui como amigo . |
| De acompanhamento | É uma forma de juntar participantes do processo e representa os significados de adição, expresso pelas preposições “com” ou “e”, ou de subtração expresso pela preposição “sem” | Amélia foi ao cinema com o namorado . João saiu sem o filho . |

As Circunstâncias de Modo, que podem ocorrer livremente em todos os processos, são realizadas na lexicogramática de diferentes formas em língua portuguesa, conforme já constatamos em Mendes (2010), quais sejam: i) adjetivo + sufixo *-mente* (*e.g.*, almoçamos tranquilamente); ii) preposição *sem* + nome (*e.g.*, cortar em cubo). Dessa segunda realização, deriva o nosso entendimento de que o componente circunstancial é responsável pela realização da CR prototípicas em português, conforme exemplo (3).

Como as Circunstâncias ocorrem com maior frequência em processos materiais (que realizam ações perceptíveis no plano físico), as instanciações em que se dão esses processos correspondem à realização da CR, não sendo esta apenas a soma dos significados das partes que compõem essa forma.

Na seção a seguir, apresento a orientação teórico-metodológica que orienta os procedimentos e interpretações das pesquisas que tenho desenvolvido a partir de Mendes (2016), a saber: a perspectiva sistêmico-complexa. Por essa orientação, será possível ao leitor identificar a maneira como as amostras foram trazidas dos *corpora*.

Sobre a perspectiva sistêmico-complexa

Em Mendes (2016), dado o interesse pelas relações de junção em textos acadêmicos, fui levado a optar por uma investigação que se afastasse da sombra das tradicionais impressões, como exemplo, as de que certos estudos que adotam quantificação de dados são por natureza estruturalistas, ainda que apresentem uma

indicação funcionalista. Assim, por ocasião daquela pesquisa, devo explicar que as posições que assumi acerca do objeto de estudo⁴ (*o quê?*), da natureza e filiação da pesquisa (*por quê?*) e do percurso para a explicação do fenômeno (*como?*), tornaram-se ponto principal do estudo porque era necessário garantir que as análises empreendidas se sustentavam numa proposta que relacionava diferentes estratos de significados e conjugava diferentes conceptualizações. Logo, a orientação geral mais apropriada ao tal propósito toma como base a LSF, perspectiva teórica concebida por Michael Alexander Kirkwood Halliday, para quem a linguagem é proposta a partir de um sistema social e cultural, o que implica, necessariamente, interpretá-la dentro de um contexto sociocultural em que tal processo se realiza.

Por esse viés, a LSF é também uma proposição de natureza metodológica por possibilitar a compreensão de certos fenômenos da linguagem, sem excluir sua conexão com os demais estratos. Por exemplo, se estiver o pesquisador estuando um fenômeno que se apresenta no estrato da **fonologia** (e até mesmo da fonética), a melhor forma de compreendê-lo ou de interpretá-lo será pela recorrência ao estrato **lexicogramatical** (mais próximo), passando pelo estrato **semântico-discursivo** até chegar aos **contextos** que o motiva.

Neste ponto, defendo que a noção de pensamento sistêmico-complexo envolve necessariamente a assunção de que, uma perspectiva que conecta sistemas e complexidade, não pura a simplesmente a intersecção desses dois conceitos (eles, em si mesmos, já denotam uma infinidade de possibilidades conceituais). Tomamos o pensamento sistêmico como perspectiva que enfatiza a visão de totalidades integradas, costumeiramente manifestas no uso de terminologia como conexidade, relações, padrões e contexto; e, complexidade como a interconexidade que existe nas redes, cuja compreensão deve se pautar na não-linearidade e na dinamicidade dos fenômenos (CAPRA; LUISI, 2014). Por isso, a abordagem do pensamento sistêmico-complexo é interconexidade que se manifesta nas totalidades integradas em redes e em padrões perceptíveis nos diferentes contextos. Nas relações com a linguagem, essa abordagem deve dar conta das CR e de sua aproximação com as Circunstâncias na LSF, como estamos propondo aqui.

Na perspectiva sistêmico-complexa, as noções do paradigma mecânico não se ajustam aos fenômenos estudados nas ciências sociais, nas ciências humanas e na ciência da linguagem, especificamente, porque a abordagem tradicional de ciência não resiste à ideia de instabilidade, já que as experiências, por essa lógica, devem ser submetidas a controle (remeto o leitor a POPPER, 2013, p. 35). Assim, a tábula da mecânica newtoniana traz, ainda no presente, noções que não se compatibilizam com o modo de fazer ciência na área dos estudos da linguagem, de que me ocupo aqui.

Uma primeira noção que trago à superfície tem a ver com a consagrada designação de “objeto de pesquisa”, que comumente se refere ao que responde à pergunta *o quê?*, englobando o problema, hipótese básica, hipóteses secundárias e variáveis. As concepções ainda comportam a ideia do “que se pretende estudar, analisar, interpretar ou verificar”, podendo, do ponto vista formal, possuírem diversas ciências o mesmo objeto material. (cf. MARCONI; LAKATOS, 2007, p. 81, 222). Nessas definições, o caráter estático e concreto (passível de medição e de escalonamento espaciotemporal, de observação, de manipulação laboratorial e de controle) induz o pesquisador ao pensamento linear e ao entendimento de que tudo que se pode saber, conhecer, entender,

⁴ Estou usando aqui a designação corrente e mais reconhecida para aquilo que é focalizado, estudado em pesquisa. Mais adiante, explico que esse uso, típico das ciências da natureza, apenas tenta dispor os diferentes como iguais, de modo que a terminologia empregada carrega os conceitos e mobiliza as divergências do ponto de vista das concepções e dos tratamentos aos temas/objetivos/sistemas estudados.

construir se encerra no “objeto delimitado na pesquisa”, e que somente pode ser atendido com as devidas reservas e distanciamentos, de modo a resguardar as garantias da não-influência do objeto sobre quem o estuda.

Dessa forma, tendo em conta o que já registrei, aportar o potencial da LSF e de sua perspectiva epistêmica/metodológica e, portanto, complexa, levou-me ao diálogo com Silva (2016)⁵, que apresenta alternativa à também válida terminologia de “objeto de estudo”, propondo ele que “sistema-de-interesse” se ajusta ao que fazemos em nossos estudos. Essas noções estão mais bem representadas na Figura 2, que compus a partir de círculos cotangenciais comumente vistos na LSF:

Figura 2– Perspectiva sistêmico-complexa da pesquisa em linguagem



Fonte: Mendes (2016, p. 81)

Da Figura 2, fica o entendimento de que a pesquisa, no viés proposto, realiza-se nos e dos próprios contextos em que os sistemas discursivos significam, e sua interpretação também ocorre nesses mesmos contextos e sistemas, de modo que os resultados decorrem do caráter interpretativo e da compreensão da relação entre o sistema-de-interesse, o pesquisador e o contexto pontual, temporal em que o trabalho toma forma e apresenta sua função ou contribuição.

Devo observar que os movimentos propostos na Figura 2 são possibilidades e não uma lista pronta e fechada. Na abordagem sistêmico-complexa, os movimentos compreendem a (i) orientação teórico-ideológica geral, em que se inscrevem os contextos de cultura e de situação (quem pesquisa é envolvido em grupos/bases, cuja orientação teórica subjacente é um dos aspectos com os quais as pessoas se identificam na academia); (ii) a incorporação de um fenômeno que pode ser interpretado a partir da orientação geral (tais fenômenos comumente são/estão construídos ou significados no estrato semântico-discursivo, em que os conteúdos se realizam através de textos); (iii) organização de um

⁵ Silva (2016) é o primeiro pesquisador brasileiro a defender a proposição de sistema-de-interesse, especificamente por “possibilitar a compreensão do *objeto* de forma multirrelacional e interconectado à rede que o constitui e à qual contribui para constituir” (p. 18).

conjunto de dados linguísticos suficientemente representativo do sistema-de-interesse (os dados linguísticos são organizados em *corpora*, muitas das vezes para uso com ferramentas eletrônicas que facilitam a busca de dados em grande monta); (iv) seleção de itens (amostras) representativos do fenômeno estudado, disponível no estrato grafofonológico. A interpretação do fenômeno não compreende, propriamente, um movimento pontual, tendo em vista que é construída durante todo o percurso, desde a identificação do pesquisador com a perspectiva até a recolha ou organização de dados e seu tratamento mais minucioso. Essa interconexidade entre totalidades integradas em redes é a característica basilar do pensamento aqui defendido, de modo tal que, qualquer sistema-de-interesse deve tomar em conta, no plano de estratificação do intralinguístico e do extralinguístico, todos os níveis discursivos e seus diferentes contextos motivadores.

Para dar conta do objetivo de identificar relações de significado em português brasileiro que comportem a ideia de que “X faz Y tornar-se Z”, a fim de analisar correlações entre o modelo do Sistema de Transitividade da LSF e o arcabouço da GC, selecionei os *corpora* D&G (VOTRE; OLIVEIRA, 1996; FURTADO DA CUNHA, 1996) ocorrências que permitissem identificar realização sintático-semântica da CR em língua portuguesa pelas Circunstâncias de Modo, especificamente no que diz respeito ao resultado/meta. Os *corpora* D&G têm juntos em torno de 2,6 milhões de palavras e apresentam textos orais e escritos das cidades de Natal, Rio de Janeiro, Juiz de Fora, Rio Grande e Niterói.

Para tanto, utilizei o *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012), que é um conjunto de programas integrados que se prestam ao levantamento de dados linguísticos e à descrição, a partir do processamento de arquivos eletrônicos em formato de edição de texto (*.txt). Esse pacote computacional apresenta três programas principais. São eles: *WordList*, que permite gerar listas de palavras contendo todas as palavras do arquivo ou arquivos selecionados, elencadas em conjunto com suas frequências absolutas e percentuais; *Concord*, que faz concordâncias de uma palavra específica com partes do texto em que ocorreu; e, *KeyWords*, que elabora uma lista de palavras, comparando sua frequência com a de um outro *corpus* (referência).

Na experiência, utilizei basicamente as duas primeiras ferramentas: a *WordList* apenas para obter as estatísticas gerais dos *corpora* e a *Concord* para busca de amostras. Com a aplicação *Concord*, delimito os parâmetros de busca e seleção apenas nas amostras que sintaticamente são configuradas por Suj Obj Obj (SPrep/SA_{adj}), com a busca por “em + nome”.

Na seção a seguir, apresento as amostras selecionadas a partir dos procedimentos próprios da perspectiva de que tratei até aqui, a fim de que o leitor possa perceber um movimento pragmático relacionado ao pensamento sistêmico-complexo com o interesse na CR e sua aproximação com as Circunstâncias de Modo, no paradigma da LSF.

A CR e as Circunstâncias da LSF

Nesta última parte do trabalho, apresento uma discussão sobre as CR, identificadas nos *corpora* D&G (VOTRE; OLIVEIRA, 1996; FURTADO DA CUNHA, 1996), a partir da busca pela forma “em + nome”. A partir desses parâmetros de busca, identifiquei 13 (sete) amostras da CR nos *corpora* com instanciação codificada como Circunstâncias de Modo, como concebe o Sistema de Transitividade da LSF.

As amostras encontradas se apresentam com os processos “cortar” e “bater”, conforme ilustro, a seguir, com cinco amostras:

(4) você pega a carne... corta em picadinho... tempera... e bota com água na panela... depois você pega o... o molho de tomate... bota... pega um monte de... de verdura... um monte de coisa... e pica... (D&G, Rio de Janeiro)

(5) Uma coisa que eu faço muito bem é Bolo de Cenoura vou explicar: Eu pego 3 cenouras médias, descasco elas e corto-as em pedaços pequenas. (D&G, Rio de Janeiro)

(6) corto:: oito bananas... nanicas... e boto ali... aí bato uma clara em neve... boto em cima... aí pego e boto no forno... (D&G, Rio Grande)

(7) Eu sei fazer um bolo de cenoura com cobertura de chocolate. Primeiro a gente pega cenoura, descasca, corta em fatias, coloca no liquidificador com óleo e ovos, bate bem. (D&G, Rio de Janeiro)

(8) aí com a salsicha né ... aí eu corto em pedaços menores ... coloco a salsicha dentro ... enrolo e coloco lá no ... no ... no forno né ... e a pizza também é só ... coloco no forno e dá uns dez ... uns dez minutos pra ela ficar pré-cozida ... (D&G, Natal)

Nas amostras de (4) a (8) temos ocorrências prototípicas de CR, em que a Circunstância de Modo aponta para o resultado/meta última da mudança operada pelo sujeito-agente sobre o objeto-paciente. O esquema de Goldberg (1995), indicado no quadro 1, aplica-se bem às duas amostras:

Quadro 3 – CR nos *corpora* analisados

| | | | | |
|-----------------------|-----------------|----------|-------------------|-----------------------|
| Semântica | CAUSAR/TORNAR | < agente | paciente | resultado/meta > |
| Instância/significado | PRED | < | | > |
| Sintática | V | Suj | Obj | Obl SPrep/SAdj |
| | CORTAR BATER | eu eu | cenouras clara | em pedaços em neve |

É importante observar que as Circunstâncias de Modo, com a configuração sintática proposta (em + nome), realizando os significados pretendidos de “Y mudado em Z”, somente constroem sentidos próprios das CR.

Tratando especificamente das relações de significado em português brasileiro, que comportam a ideia de que “X faz Y tornar-se Z”, pode perceber que apenas o gênero relato de procedimento apresentou CR prototípicas, podendo reforçar, portanto, que as construções codificam eventos específicos da experiência no mundo físico, configuradas para o cumprimento de finalidades específicas do discurso.

No que diz respeito ao resultado causado no objeto/paciente da CR, observei, nesse estudo preliminar, o emprego das Circunstâncias de Modo do Sistema de Transitividade realizando o objeto-mudado, ainda que a LSF pudesse indicar o modo como o processo foi configurado, sem referência direta ao efeito de “tornar-se” no participante-meta. Sendo assim, expressões como “cortar Y em fatias/palito”, “quebrar Y

em pedaços pequenos”, “bater Y em neve” não deve, portanto, apenas circunstanciar a ação concreta, mas também apontar o resultado a que o objeto chegou.

Uma análise no estrato lexicogramatical permite admitir que a CR, no esquema demonstrado, não se apresenta de forma fixa, já que o objeto-mudado apresenta variação gramatical de número (picadinho/fatias), de grau (picadinho), podendo também ser modificado por outro nome (menores/pequenas). Por outro lado, a forma “bater clara em neve” parece ser mais fixa, já que apresenta identidade de sentido fora do conjunto de outros elementos com quais se relaciona.

No estrato semântico-discursivo, a CR descreve eventos que denotam mudança perceptível na experiência dos informantes, própria dos processos materiais do Sistema de Transitividade da LSF, ou seja, eventos ou situações do modo *realis*, revelando usos literais em que tais processos não sofreram extensão metafórica.

Como a instância da construção aqui estudada foi localizada a partir do parâmetro de busca já indicado, especialmente para atentar à hipótese de que as Circunstâncias de Modo podem configurar o evento resultativo em língua portuguesa, entendo ser adequado considerar que a CR pode apresentar outra forma, inclusive com a metaforização de processos como parece ser o caso de “deixar” e “tornar-se”, conforme propõe Bybee (2016), a partir do inglês e do espanhol.

Dito isto, é possível afirmar que a aproximação entre a GC e a LSF não é somente possível, mas também viável, já que o componente ideacional proposto por Halliday (1985) alcança as ideias de Goldberg à medida que as construções são apresentadas como sendo resultantes da experiência de mundo dos sujeitos e do modo como a representam na língua.

Para (não) concluir...

Propus, neste estudo ainda em andamento, uma discussão do esquema das CR, passível de associação ao Sistema de Transitividade e seu componente Circunstância, a fim de compreender como as relações de significado em português brasileiro comportam a ideia de que “X faz Y tornar-se Z”, com foco na codificação da mudança do objeto, para também verificar uma relação entre o Sistema de Transitividade e os esquemas da GC.

A análise empreendida nas amostras de língua em uso permite concluir que a realização sintático-semântica das resultativas é possível em língua portuguesa pelas Circunstâncias de Modo, o que demonstra as aproximações teórico-metodológicas compartilhadas pelos estudiosos funcionalistas a que me referi neste trabalho.

Para o Sistema de Transitividade resta a contribuição de que as Circunstâncias realizadas na lexicogramática, com significado resultativo, tem ocorrência, até o momento deste estudo, apenas nos processos materiais. Pela mesma via, as CR em língua portuguesa se realizam prototipicamente pelas Circunstâncias de Modo, cumprindo papel específico no discurso.

Como o estudo aqui empreendido não pode ser considerado em nenhuma medida exaustivo (muito pelo contrário), as questões levantadas e os dados observados nos *corpora* apontam para estudos com maior volume de dados de uso, capazes de indicar outras realizações sintáticas para as CR, a confirmação se a realização prototípica de resultativas em português se dá somente pelas Circunstâncias, bem como se o Sistema de Transitividade pode ser mais bem delimitado a partir dos postulados da GC.

É mais provável que, tal como ocorre em espanhol e inglês, casos como “deixar” e “tornar-se” (por processo de metaforização) realizem também o evento resultativo, o que condiciona a necessidade de ampliar as possíveis codificações e investigar seus

usos/suas instanciação em maior variabilidade de textos suficientemente representativos de interações em que ações de modo *realis* estejam mais recorrentemente presentes.

Referências

- BUTT, D. *et. al.* **Using functional grammar**: an explore's guide. Sydney: Macquarie
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CAPRA; F.; LUISI, P. L. **A visão sistêmica da vida**: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas. São Paulo: Cultrix, 2014.
- EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. 2 ed. London: Continuum, 2004.
- FILLMORE, C. J. Frames and the semantics of understanding. **Quaderni di Semantica**, v. 6, n. 2, p. 222-255, 1985.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. **Corpus Discurso & Gramática**: a língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal/RN: 1996. Disponível em: <http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/> Acesso em mar. 2012.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Relações sintático-semânticas da oração. In: PALOMANES, R.; BRAVIN, A. M. **Práticas de ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 143-164.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- GIVÓN, T. **A compreensão da gramática**. São Paulo: Cortez; Natal: EDUFRN, 2012.
- GOLDBERG, A. **Constructions. A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago, 1995.
- GOLDBERG, A. Patterns of experience in patterns of language. In: TOMASELLO, M. (Ed.). **The new psychology of language**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998. p. 203-217.
- GOLDBERG, A.; JACKENDOFF, R. The English resultative as a family of constructions. **Language: Journal of the Linguistic Society of America**, Washington D.C, USA, v. 80, n.3. p. 532-568, set. 2004.
- HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K.; MARTIN, J. R. **Writing science**: literacy and discursive power. London Falmer, 1993.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M., **Introduction to functional grammar**. London: Arnold, third edition, 2004.
- KAY, P.; FILLMORE, C. J. Grammatical constructions and linguistic generalizations: The What's X Doing Y? Construction. **Language**, 75, p. 1-33, 1999.
- LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: UCP, 1987.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- MENDES, W. V. **As circunstâncias e a construção de sentido no blog**. Departamento de Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros/RN, 2010. (Dissertação de Mestrado).

- MENDES, W. V. **Corpus da pesquisa os processos do dizer na produção científica dos graduandos em letras do CAMEAM**. Pau dos Ferros: UERN, 2011. Documento eletrônico em formato *.txt. 2,21 MB. Bloco de notas. Microsoft Corporation.
- MENDES, W. V. **Mecanismos de junção em textos acadêmicos: uma abordagem sistêmico-funcional**. Natal: PPGEL/CCHLA/UFRN, 2016. (Tese de doutorado).
- MENDES, W. V.; PEREIRA DE PAULA, J. **Mecanismos de sequenciamento e explicação em textos acadêmicos de graduandos em Letras**. Pau dos Ferros: UERN, 2013. Documento eletrônico em formato *.txt. 2,25 MB. Bloco de notas. Microsoft Corporation.
- MENDES, W. V.; PEREIRA, J. A. S. **Os processos verbais em trabalhos de conclusão do Curso de Letras/UERN**. Pau dos Ferros: UERN, 2012. Documento eletrônico em formato *.txt. 2,25 MB. Bloco de notas. Microsoft Corporation.
- POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SALOMÃO, M. M. M. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. In: **Veredas** – revista de estudos linguísticos. v. 6. n. 1, p. 63-74. Juiz de Fora, MG: UFJF, jan/jul 2002. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap042.pdf>-. Acesso em fev. 2012.
- SCOTT, M. **Word Smith Tools**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- SILVA, F. C. **Práticas pedagógicas cotidianas na EJA: memórias, sentidos e traduções formativas**. Rio de Janeiro/RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Educação, 2016. (Tese de doutorado).
- TOMASELLO, M. (Ed.). **The new psychology of language**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998. p. 203-217.
- University, 2001.
- VIAN JUNIOR, O.; MENDES, W. V. O sistema de conjunção em textos acadêmicos: os mecanismos de sequenciamento e de explicação. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras**, Santa Maria, v. 25, n. 50, p. 163-186, jan./jun. 2015
- VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. **Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 1996. Disponível em: <http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/> Acesso em mar. 2012.
- VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. **Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Rio Grande**. Rio de Janeiro: 1996. Disponível em: <http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/> Acesso em mar. 2012.
- VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. **Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade de Niterói**. Rio de Janeiro: 1996. Disponível em: <http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/> Acesso em mar. 2012.
- VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. **Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade de Juiz de Fora**. Rio de Janeiro: 1996. Disponível em: <http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/> Acesso em mar. 2012.

Submetido em 15 de fevereiro de 2018. Aprovado em 26 de março de 2018.